

Excesso de atividades, consumo e superproteção: possíveis fatores de tédio em crianças

Excess of activities, consumption and overprotection: possible reasons of child boredom

Clarice Krohling Kunsch é psicóloga pela PUC-SP, pedagoga pela USP e mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP. É professora de Educação Infantil em escola particular e psicóloga em consultório particular na cidade de São Paulo.

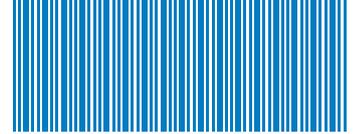
Contato: clarice@claricekunsch.com.br

Resumo

Neste trabalho, procurou-se entender as relações entre padrões de consumo e a vivência do tédio em crianças. O tédio está relacionado com a falta de motivação, a apatia e a falta de sentidos na própria vida. Nem as crianças estão escapando disso. Elas estão menos interessadas por atividades típicas da infância, como brincar. Para entender os motivos que estariam levando as crianças ao tédio, verificou-se como é estabelecida a rotina extraescolar de crianças oriundas de famílias de alto poder aquisitivo. As agendas dessas crianças estão ocupadas por diversas atividades que visam a um futuro promissor, os equipamentos eletrônicos estão mais acessíveis e os adultos são cada vez mais controladores e superprotetores. Nesse cenário, o tédio se impõe.
Palavras-chave: tédio; consumo; criança; infância.

Abstract

In this work one has sought to understand what would be the possible relations between consumption and the existence of child boredom. Boredom is related to the absence of meaning, the lack of life projects. Even children are feeling this way. It has become much easier to come



across children with signs of apathy, lack of interest and with little involvement in activities that are typical of childhood, like playing. For this it was verified what makes up the extracurricular routine of children coming from families with high purchase power. The agendas of these children are occupied by numerous activities that aim at a promising future, the electronic devices are more accessible while the adults are increasingly controlling and overprotective. In this scenario, boredom imposes itself.

Keywords: boredom; consumption; child; childhood.

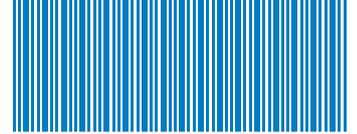
Introdução

A infância é um período durante o qual ocorrem transformações significativas relacionadas ao desenvolvimento físico, intelectual, afetivo e moral. Crianças envolvem-se em brincadeiras, criam, exploram o entorno. Porém, tem sido cada vez mais comum encontrar crianças com sinais de apatia e de desinteresse. A partir da experiência da autora deste artigo em salas de educação infantil, surgiu a inquietação: por que essas crianças parecem estar desinteressadas por brincadeiras e por temas do universo infantil?

Aparentemente, não lhes faltava nada de ordem material, pois eram de famílias privilegiadas economicamente. Pelo contrário, tinham coisas demais e, concomitantemente, um reduzido interesse pelo que tinham. Além disso, tinham experiências diversas fora da escola, como cursos e viagens. Mostravam ter pouca iniciativa e pouca espontaneidade. Pareciam estar à espera de alguma orientação sobre o que fazer.

De fato, pode-se perceber em diferentes ambientes sociais frequentados por pessoas de classe média e alta, o quanto as crianças de hoje estão sendo sobrecarregadas de expectativas por parte dos adultos em relação a seu futuro. Espera-se que venham a ser brilhantes profissionalmente, políglotas, hábeis fisicamente e atendam aos padrões de beleza vigentes. Por essa razão, muitas delas têm o período extraescolar tomado por cursos. Infelizmente, não raras vezes são tantas as atividades que elas são levadas à exaustão. Quando dispõem de algum tempo livre, sem a orientação de um adulto, ficam em dúvida sobre o que fazer.

Além disso, assistimos a um frequente aumento no consumo de bens também por parte das crianças. Muitas delas passaram



a ganhar presentes sem motivo aparente, sem que haja uma data especial, simplesmente porque é possível comprar devido a facilidades de crédito ou porque a criança pediu. Aqui vemos uma tentativa de preencher um vazio, que, na verdade, seria uma possível demanda de atenção, de cuidado, de carinho, de busca de sentido na vida, por um bem material que não conseguirá cumprir esta função. Então, vemos um desinteresse da criança também pelo que ela tem.

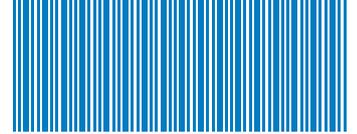
Tais fatores apontam o tédio como uma realidade vivida por muitas crianças. Por que, para tantas crianças, a vida lhes parece tão desinteressante, ao ponto de se entediarem? De que maneira o consumo estaria relacionado ao tédio?

De acordo com a experiência da autora, sugere-se que diante do excesso de bens, atividades e orientações que invadem o universo infantil, a criança não consegue relacionar-se com as coisas de modo a se satisfazer; tampouco consegue encontrar seu próprio ritmo, gesto e interesse pessoal pelo mundo, ficando difícil para ela assumir sua própria vida, achá-la interessante, e ainda desenvolver autonomia.

Para ilustrar as ideias aqui apresentadas, optou-se por conhecer a realidade de crianças de uma escola particular internacional da cidade de São Paulo. Todas as famílias do último ano da educação infantil ou do primeiro ano do ensino fundamental dessa escola foram convidadas a participar da pesquisa através de carta enviada pela pesquisadora.

Foram entrevistadas e observadas na rotina escolar 30 crianças de 5 a 7 anos de idade. Foram entrevistadas 14 mães e/ou pais que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Os familiares das outras 16 crianças não quiseram participar da pesquisa. Além disso, foram feitas entrevistas com as professoras de todas as crianças participantes, que relataram como percebem a criança nas atividades escolares, se ela consegue se motivar nas atividades dirigidas e também como se envolve nos momentos livres.

Por meio das entrevistas e observações das crianças, foi possível conhecer a maneira como a criança entende e vivencia a sua rotina extraescolar, como se relaciona com bens materiais e como experiencia as atividades escolares (dirigidas ou livres). Já na entrevista com mães e/ou pais, buscou-se entender como a rotina da criança é estabelecida. Além disso, pretendeu-se verificar como os hábitos de consumo das famílias e as decisões dos pais acarretam consequências para a vida dessas crianças. Ou seja,



haveria alguma relação entre os hábitos de consumo de famílias de classe média alta e a experiência de tédio das crianças?

1. Fim da infância?

Neste estudo, a criança é entendida como um indivíduo em desenvolvimento intelectual, afetivo, biológico e moral que, conforme a etapa de sua vida, bem como o ambiente em que está inserida, apresentará características peculiares e diferentes de fases anteriores ou posteriores. Decorre disso que a autora questiona o fenômeno do “fim da infância”, expressão tão presente nas discussões atuais, e que indica que a infância estaria deixando de existir, que as crianças estariam deixando de ser crianças. Se a criança for entendida como um indivíduo com particularidades específicas da sua fase de desenvolvimento, podemos entender que ela não deixa de ser criança, mas há, sem dúvida, uma modificação da representação da infância no decorrer dos tempos, isto é, há uma alteração na maneira como entendemos a infância.

Cabe lembrar o estudo realizado por Philippe Ariès (1981), no qual ele aborda a construção da noção moderna de infância. Segundo o autor, até o século XIII não havia uma representação significativa ou específica do que poderia ser considerado uma “criança”. A partir do século XIII, e até o século XVII, persistiu uma maneira tímida de representar as crianças. A partir do século XVII, as crianças passaram a ter papéis centrais nos registros familiares, inclusive protagonizando cenas em que são responsáveis pela diversão do adulto; há também registros de fala infantilizada dos adultos ao se dirigirem às crianças.

Outro autor importante é Neil Postman (1999). Ele aponta três aspectos que definiriam o aparecimento da infância: a alfabetização, o conceito de educação e o sentimento de vergonha. Para o autor, quando do surgimento da prensa tipográfica, no século XV, criou-se uma cisão entre o mundo dos adultos e o das crianças, porque para poder decodificar as letras, era preciso saber ler. Isso se tornou viável por meio da educação, mais precisamente com o ensino nas escolas. “E, ao fazê-lo, [a civilização europeia] transformou a infância numa necessidade” (POSTMAN, 1999, p. 50). O terceiro aspecto abordado por Postman é o sentimento de vergonha, diretamente relacionado a segredos exclusivos do mundo adulto, dos quais as crianças deveriam ser preservadas.



Segundo Postman, entre os séculos XIX e XX a tecnologia apresentou uma evolução expressiva e o acesso a informações por imagens facilitou o rompimento da barreira da reserva de conteúdos do mundo adulto. Segundo o autor, a invenção da televisão acabou levando à falta de exclusividade ou à permissividade do acesso à informação por todos. E isso seria, para ele, crucial na deterioração do conceito de infância. Daí resultaria a afirmação de que a educação também entraria em crise, pois as crianças já não teriam admiração, respeito ou curiosidade pelo mundo adulto, como algo novo (ou) a ser conquistado, pois tudo estaria fácil e precocemente disponível para elas.

É evidente, do ponto de vista histórico e cultural, que atualmente as crianças estão vivendo e sendo pressionadas a ter experiências típicas do mundo adulto; ou ainda – e isso soa como um grande eufemismo – que estão sendo “preparadas” para a vida adulta. Essa “adultização” parece levar a uma ressignificação das representações sociais acerca do conceito de infância. Estamos buscando antecipar nas crianças conteúdos que eram pertinentes a fases posteriores da vida. Um exemplo é a alfabetização. Com a lei federal n. 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, ficou estabelecido que o ensino fundamental passaria a ter nove anos de duração, e a matrícula passou a ser obrigatória para crianças a partir dos seis anos de idade. A partir disso, houve um grande movimento de antecipar os conteúdos da antiga 1ª série para o novo 1º ano. E, mais ainda, diversas escolas particulares passaram a oferecer já na educação infantil conteúdos específicos da alfabetização. Espera-se que a criança já antes dos seis ou sete anos de idade esteja alfabetizada.

Essa antecipação caminha conjuntamente com a aceleração do ritmo de vida dessas crianças. David Elkind (2004) inicia sua obra alertando sobre os riscos de extinção do conceito de infância na sociedade atual. O autor acredita que as necessidades das crianças são diferentes das dos adultos e “ignorar suas diferenças, tratar as crianças como adultos, não é realmente democrático ou igualitário” (Elkind, 2004, p. 46).

É cada vez mais comum que pai e mãe estejam trabalhando fora de casa o dia inteiro. Muitas vezes não têm com quem deixar o filho e optam por colocá-lo em outros programas educativos para que o seu tempo seja supostamente bem aproveitado. Em decorrência dessa condição, muito provavelmente as instituições extraescolares passaram a oferecer alternativas cada vez mais variadas para essas crianças. A ideia do “quanto mais cedo, melhor” é bastante forte e decisiva na escolha das agendas das



crianças. A questão é se existe uma real necessidade de estimular a antecipação. Elkind alerta para o fato de que há poucas evidências de vantagens permanentes entre aquelas crianças que foram estimuladas já desde muito cedo a desempenharem habilidades específicas.

Yves de La Taille (2009) afirma que o crescimento da violência tem como consequência a limitação da liberdade e da convivência entre as crianças. E aqui chegamos a um ponto crucial. Se, para escapar da violência temida nos espaços públicos, as crianças estão sendo institucionalizadas (na escola, no clube, no curso de música, no curso de idiomas etc.), a convivência com outras crianças tende a ocorrer sempre em meio ao olhar vigilante de um adulto. Com isso, há o predomínio do que Piaget (1932) denomina “relações de coação”, caracterizadas pela verticalidade própria da obediência da criança ao adulto, em detrimento de relações mais horizontais, de cooperação entre pares. Como resultados, observam-se a imaturidade e a falta de autonomia.

Na tentativa de oferecer às crianças oportunidades para um futuro de sucesso, estamos impedindo que elas convivam entre si de maneira construtiva e livre. Então, podemos pensar que talvez seja mais apropriado, em vez de falarmos de “fim da infância”, referirmo-nos à inviabilização do desenvolvimento da autonomia, isto é, que a criança tenha a capacidade de aprender a tomar decisões, refletir e avaliar sobre o que está fazendo.

Além disso, ao estarem com suas agendas comprometidas, as crianças estão deixando de brincar livremente. O brincar está relacionado ao desenvolvimento saudável das crianças, à expansão da criatividade, acontecendo de maneira natural e proporcionando prazer aos envolvidos. Ao brincar, as crianças se relacionam com o mundo, elaboram e reelaboram, à sua própria maneira, as experiências que viveram, desenvolvem-se fisicamente e constroem a sua inteligência.

Segundo La Taille (2009, p. 154), “os adultos querem que as crianças queimem etapas, mas são as disposições psicológicas infantis que acabam por partir em fumaça”. E esse é o cenário ideal para a imposição do tédio já nas crianças. É preciso refletir sobre o tédio e a infância na pós-modernidade e de que maneira isso pode estar relacionado com a maneira como a vida dessas crianças é consumida.



2. Tédio na pós-modernidade e infância

Ao refletir sobre o “fim da infância”, concluiu-se que uma criança tem necessidades físicas, emocionais e intelectuais específicas, e muitos conteúdos do mundo adulto carecem de sentido para elas. As crianças precisam ser respeitadas, precisam ter o direito de brincar, de se divertir e de desfrutar de oportunidades de aprendizagem e de convívio social. Não devemos pretender criar, a qualquer custo, supergênios, superatletas, políglotas ou futuros presidentes de empresas.

Pode-se pensar que as crianças reagem mais facilmente a situações em que podem escolher livremente o que fazer. Normalmente, sempre que há possibilidade, a criança vai brincar com o que estiver disponível. Porém, tem sido cada vez mais possível falar em situações nas quais até as crianças ficam apáticas, sem reação espontânea, à espera de uma orientação sobre o que fazer. Ou se sentem obrigadas a fazer aquilo que não lhes interessa. E esse é o cenário para o tédio. Segundo uma mãe participante da pesquisa, ao falar sobre a motivação de seu filho de 5 anos e 3 meses,

Precisa em alguns momentos de um empurrãozinho, muitas vezes ele é preguiçoso, se você não falar, ele não faz. Então, isso é uma coisa, que ele às vezes precisa ser empurrado, não tem iniciativa pra responsabilidade.

Segundo La Taille (2009), estaríamos vivendo em uma “cultura do tédio”. Alguns indícios desta seriam o ritmo acelerado e desorientado da vida, a busca incessante por satisfazer desejos supérfluos, o distanciamento de si próprio, a não permanência ou a pouca durabilidade de eventos e experiências, a fuga diante do enfrentamento do vazio da vida e uma inquietação ao não se ter nada para fazer. Vemos que está cada vez mais fácil encontrar crianças nessas condições, isto é, crianças sem o brilho no olhar, sem a alegria da infância, a vontade de explorar e a facilidade de se encantar pelas simplicidades da vida, como uma borboleta voando no jardim.

Para muitas crianças, pensa-se em diagnósticos clínicos como depressão, transtorno de ansiedade, transtorno de déficit de atenção, entre outros. Algumas (ou muitas!) crianças chegam até a ser medicadas. Se, ao nos depararmos com uma criança apática, desmotivada e desinteressada, pudermos excluir tais diagnósticos clínicos, podemos pensar que ela esteja entediada.

O filósofo Lars Svendsen (2006, p. 7) acredita que a crescente indústria do entretenimento, o consumo cada vez maior de álcool



e drogas, bem como o tempo prolongado que as pessoas passam assistindo televisão, seriam indicativos do aumento do tédio na atualidade. “O tédio está associado a uma maneira de *passar o tempo*, em que o tempo, em vez de ser um horizonte para oportunidades, é algo que precisa ser consumido” (SVENDSEN, 2006, p. 24).

Svendsen define dois tipos de tédio: *tédio situacional* – aquele que todos sentimos, por exemplo, numa sala de espera, em que o tempo não passa e não há nada muito produtivo a ser feito; e *tédio existencial* – que seria mais profundo e indicaria uma falta de sentido para a vida.

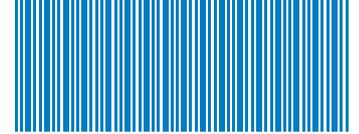
Podemos pensar que as crianças estão com dificuldade em lidar com os momentos em que não são orientadas a fazer algo, ou quando o que devem fazer demanda mais tempo, mais dedicação e mais envolvimento do que atividades mais automáticas como jogos eletrônicos ou assistir televisão. A velocidade da tecnologia choca com a lentidão do tédio. A indiferenciação das coisas leva à mesmice e esta, ao tédio. Percebemos também a pouca permanência em atividades, experiências e relacionamentos. O mundo e suas relações tornam-se cada vez mais descartáveis.

3. Consumo e infância

Vivemos na era das informações fragmentadas, dos desencontros das pessoas, de um distanciamento de si mesmo e até da ausência de projetos concretos de vida. A vida acaba voltada para o consumo. Ao tentar acompanhar o ritmo de mudanças, as exigências do mercado profissional, as tendências da moda e padrões de beleza, as pessoas ficam insatisfeitas.

Com isso, alimenta-se a necessidade de consumir sempre mais, isto é, querer *ter* sempre e querer *ser* sempre mais. “Mudar de identidade, descartar o passado e procurar novos começos, lutando para renascer – tudo isso é estimulado por essa cultura [consumista] como um *dever* disfarçado de privilégio” (Bauman, 2008, p. 128).

Atualmente, nem as crianças escapam disso. Muitas estão constantemente insatisfeitas com o que têm. Hoje é comum que as crianças sejam presenteadas, tenham as festas e as viagens que pedem, sem motivo. Quantas crianças já comeram ovos de Páscoa antes do domingo de Páscoa? Ou como disse K., participante da



pesquisa, de 6 anos e 3 meses: *“Tenho tanto brinquedo que eu não sei nem dizer qual é o preferido”*.

A realidade da maioria das famílias mudou. Com pai e mãe fora de casa, surge a necessidade de deixar os filhos sob a supervisão de outros adultos, em casa ou em alguma instituição. Uma maneira segura de manter as crianças em casa é deixá-las assistindo televisão ou conectadas a algum outro equipamento eletrônico. Assim, elas estão protegidas fisicamente e ficam entretidas. Essa postura acarreta prejuízos tanto nas atividades físicas como no convívio. As crianças relacionam-se menos com outras crianças. Passam mais tempo paradas, movimentando-se o mínimo necessário, comprometendo o desenvolvimento físico saudável e correndo o risco de desenvolver, inclusive, transtornos alimentares.

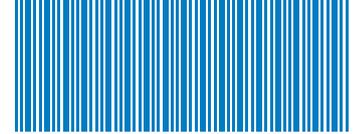
Estamos falando de uma realidade, infelizmente, muito atual. Consume-se, deseja-se cada vez mais e sempre há novidades. Segundo Juliet Schor (2009, p. 61), *“é possível que a realidade seja tediosa para quem está constantemente exposto a hiperestímulos do mundo da cultura comercial infantil”*.

Um aspecto de suma importância para o desenvolvimento saudável das crianças é a criatividade. Por meio do brincar e das relações de troca, elas podem expandir a sua capacidade criativa. Diz Susan Linn (2006, p. 94) que *“a criatividade se caracteriza pela originalidade, pela capacidade de pensar criticamente e pela habilidade tanto de reconhecer a dificuldade de um problema quanto de procurar soluções”*.

Linn atribui à televisão certa responsabilidade pelos déficits que a expansão da criatividade pode sofrer, por já entregar os conteúdos prontos. Ao brincar com um carrinho vermelho qualquer, uma criança pode ir longe na imaginação. Porém, quando o carrinho vermelho é o *“Relâmpago McQueen”*, por exemplo, ela pode tender a um contexto proposto no filme original. Não quer dizer que elas não possam criar em cima desses personagens, mas são limitadores.

Pensemos que as crianças, por influência da publicidade e dos meios de convívio social, passam a desejar uma diversidade enorme de bens, conseguem justificar suas escolhas de maneira convincente aos seus pais e, portanto, sempre ganham o que pedem. Constatamos um aumento significativo do consumo de bens entre as crianças e até do poder de influenciar nas decisões de compras da família¹.

1. O Instituto Alana (www.alana.org.br) é uma importante referência nos estudos e no desenvolvimento de projetos sobre criança e consumo. O documentário *“Criança, a alma do negócio”* é de grande relevância para o tema.



Além do aumento no consumo de bens entre as crianças, podemos falar também no crescente consumo de atividades extraescolares para as crianças, sendo, portanto, um aumento significativo na maneira como a vida das crianças é consumida. E, se a vida se tornou algo consumível, quais são as consequências disso? Acredita-se que o tédio nas crianças é uma delas, pois não se espera que crianças tenham dificuldade em lidar com a passagem do tempo, que sejam incapazes de reagir espontaneamente sem a orientação de um adulto ou que mergulhem em tecnologias por tempo tão prolongado.

4. Metodologia da pesquisa de campo

Buscando responder à pergunta “Há relações entre padrões de consumo e a vivência do tédio em crianças?”, realizou-se uma pesquisa de campo com trinta crianças de cinco até sete anos de idade, de famílias de alto poder aquisitivo e de uma mesma escola particular de São Paulo. Além das crianças, catorze mães e/ou pais participaram da pesquisa, como também as professoras das crianças. Foram feitas uma entrevista com o(a) responsável pela criança, uma com a criança e uma com as professoras, além de a pesquisadora ter observado as crianças no dia a dia escolar.

A pesquisa foi feita em uma escola por ser o espaço em que as crianças passam boa parte do seu dia; por nela haver um número significativo de crianças da mesma idade; pela possibilidade de observá-las individualmente e em grupo; e pela oportunidade de conversar com as respectivas professoras.

Para a entrevista com os pais, foi feito um roteiro de perguntas dividido em três temas: rotina, hábitos de consumo e sentidos atribuídos. Para a entrevista com as crianças, foi feito um roteiro com os mesmos temas, porém com perguntas adaptadas às crianças. Já a entrevista com as professoras seguiu um roteiro mais específico sobre como a criança é em atividades livres ou dirigidas e como interage com adultos e crianças, além da percepção da professora quanto a momentos de tédio na criança.

Na primeira parte da entrevista com os pais, buscou-se entender a rotina da criança. Era necessário verificar de que maneira cursos extracurriculares, tempo livre para brincar e equipamentos eletrônicos compunham seu dia a dia. Além disso, procurou-se conhecer os motivos das escolhas feitas para a criança e a participação dos adultos na vida dela.



Na sequência, foi dado enfoque aos hábitos de consumo da família. Perguntou-se sobre a maneira como usufruíam seus finais de semana e suas férias, como comemoravam o aniversário da criança e em quais ocasiões esta era presenteada. A ideia era verificar se os hábitos comprovavam o poder aquisitivo das famílias e se havia consciência da maneira como consumiam. Outro aspecto importante era avaliar o envolvimento profissional do pai e da mãe e os tipos de funcionários que trabalhavam para a família.

Por fim, pretendeu-se entender quais sentidos as famílias atribuíam a aspectos como felicidade e tristeza, suas projeções de futuro para a criança e se observavam momentos de maior ou menor envolvimento da criança. Dessa maneira, foi possível conhecer alguns valores importantes para as famílias, bem como se havia sinais de tédio na criança em casa.

Nas entrevistas com as crianças, primeiro foram feitas perguntas sobre a sua rotina, de que maneira o seu tempo fora da escola era ocupado (atividades extracurriculares, brincadeiras, equipamentos eletrônicos) e com quem passavam esse tempo. Em seguida, verificou-se como elas se relacionavam com brinquedos, isto é, quais as suas expectativas e interesses por bens materiais. Por fim, perguntou-se sobre o que as deixava mais felizes ou mais tristes e se elas conseguiam perceber momentos em que não sabiam o que fazer, com o intuito de verificar sinais de vivências de tédio.

As professoras entrevistadas descreveram as crianças: como elas eram em atividades livres e dirigidas, como se relacionavam com outras crianças e com adultos, que tipo de experiências extraescolares traziam e de que forma se envolviam em diferentes atividades escolares. Além disso, para verificar a ocorrência de sinais de tédio, apontaram se percebiam que as crianças em algum momento se apresentavam desanimadas ou desinteressadas.

5. Descrição dos dados

5.1. Entrevistas com os pais

Todos os catorze pais e/ou mães participantes são de nível socioeconômico alto, são casados, ambos habilitados profissionalmente, porém com predomínio do sustento da casa pelo pai. Eles são presentes e participam da rotina dos filhos.



Com exceção de uma família, todas têm funcionários domésticos, principalmente empregada; babá, somente quando a mãe está mais ausente por questões profissionais. São famílias que se reúnem em finais de semana, têm condições para realizar viagens nacionais ou internacionais e comemorar o aniversário do filho com festas grandes.

Perguntados sobre como veem os filhos, todos os pais lhes atribuíram características positivas. A principal é ser carinhoso(a), seguida de ser interessado(a) e de ser feliz ou atento(o)/observador(a). Espontaneamente, alguns acrescentaram também aspectos que precisam ser melhorados.

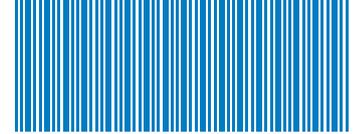
Sobre variações de humor, todos afirmaram que seus filhos são crianças alegres, mas confirmaram perceber momentos de maior exaltação. Alegaram que as crianças ficam mais alegres quando estão na companhia de outra pessoa, amigo ou familiar. Mencionaram também momentos de desânimo em seus filhos, principalmente quando não estão fisicamente bem.

Em relação a momentos de vivência de tédio, a maioria dos pais referiu-se a situações em que a criança, sem saber o que fazer, fica entediada em casa. Normalmente isso ocorre quando ela está em um momento entre as atividades da sua rotina ou está muito cansada. Então ela demanda mais atenção, pede ajuda sobre o que fazer ou permissão para usar algum equipamento eletrônico.

Quanto às expectativas e projeções de futuro para a criança, a maioria se mostrou preocupada com a felicidade da criança e/ou com que ela seja boa para os outros. A responsabilidade apareceu relacionada ao respeito pelos outros. Expectativas ligadas a estudo e profissão se revelaram entre os que frequentam três ou mais atividades extracurriculares.

5.2. Entrevistas com as crianças

Entre as trinta crianças entrevistadas, apenas uma nunca fez nenhuma atividade extracurricular, pois é diabética e os pais ainda não se sentem seguros em deixá-la sozinha. Entre as atividades praticadas, predominaram as esportivas (natação, futebol, hipismo e escola de esportes), seguidas pelas artísticas (artes visuais, música e dança), pelas lutas (judô e karatê) e pelos cursos de idiomas (inglês e chinês) e de matemática. É importante dizer que já têm aulas de idioma estrangeiro na escola; portanto, a aula extra seria a inserção de um terceiro idioma.



Todas as crianças brincam no seu tempo livre. Grande parte tem a música presente no seu tempo livre, seja cantando, dançando ou ouvindo. A maioria também assiste à televisão nesse tempo. Algumas se envolvem com livros, manuseando-os ou ouvindo histórias contadas por um adulto.

De maneira geral, as crianças têm televisão, computador, videogame e *tablets*. O caso da televisão foi um ponto bastante divergente e peculiar de cada família. Há crianças que devem seguir regras quanto ao uso dela e de equipamentos eletrônicos e outras que podem usá-los livremente.

As crianças consideram que têm bastantes brinquedos, mas não relacionam felicidade ou tristeza a bens materiais, porém sempre a pessoas ou conquistas próprias. Atribuem momentos de felicidade e de tristeza principalmente à companhia ou à ausência de outras pessoas. Gostam quando podem fazer o que querem e não gostam quando algo é desagradável. O tédio foi atribuído a momentos em que não sabem o que fazer e quando falta uma companhia.

6. Interpretação dos resultados

Para a interpretação dos resultados, optou-se por analisar as informações de oito das trinta crianças participantes, quatro delas com sinais de vivência de tédio e quatro sem eles.

6.1. Aspectos comuns a crianças com sinais de vivências de tédio

Podemos destacar três principais aspectos comuns nas rotinas de todas as quatro crianças que apresentaram sinais de vivência de tédio quando observadas nas atividades escolares: 1) duas ou mais atividades extracurriculares; 2) presença constante de um adulto (mãe, pai ou babá) quando não estão na escola; 3) acesso a equipamentos eletrônicos (televisão, videogame, tablet e computador).

Em relação ao primeiro aspecto, as agendas das quatro crianças são ocupadas em boa parte do tempo extraescolar. Ressalte-se que, ao deixar a criança frequentemente “institucionalizada”, isto é, frequentando alguma instituição especializada em que está envolvida em atividades dirigidas por outro adulto, reduz-se o tempo de brincar livre. Ela passa a fazer principalmente o que deve fazer. Assim, são reduzidos o agir com espontaneidade e o criar livremente. Ao se depararem com momentos livres, podem ter dificuldade em escolher o que fazer.



Em relação ao segundo aspecto comum à vida dessas quatro crianças, todas são acompanhadas por adultos (mãe ou babá ou educador) o tempo inteiro. A superproteção e a tutela permanente de um adulto é certamente um limitador da liberdade e do desenvolvimento da autonomia dessas crianças, pois elas obedecem ao que lhes é pedido.

Em relação ao acesso a equipamentos eletrônicos, todas as quatro crianças assistem televisão, mas varia o tipo de regras de uso que devem obedecer, em termos de tempo, conteúdo e idioma. O uso frequente desses equipamentos possibilita prejuízos físicos e sociais. A pouca necessidade de esforço físico em seu manejo e o pouco contato com outras pessoas, mesmo com a interação virtual com amigos, são preocupantes quando frequentes demais.

Podemos perceber que a presença constante de um adulto e suas interferências frequentes na vida das crianças, além das agendas lotadas e do uso excessivo de equipamentos eletrônicos, têm contribuído para a vivência de tédio entre as crianças. Tal afirmação justifica-se pelo cerceamento de sua autonomia e espontaneidade, posicionando-se elas passivamente diante da vida, além de se distanciarem fisicamente do próprio corpo e das outras pessoas, pois estão conectadas demais ao mundo eletrônico. A criança deixa de atribuir sentidos à própria vida. E uma vida vazia é palco para o tédio.

6.2. Aspectos comuns a crianças não entediadas

Reconhecemos os mesmos três aspectos comuns entre as crianças que não demonstraram sinais de vivência de tédio. Porém, há diferenças significativas em cada um dos aspectos entre os grupos, que serão comentadas na sequência. Apenas para lembrar, foram apontados: 1) duas ou mais atividades extracurriculares; 2) presença constante de um adulto (mãe, pai ou babá) quando não estão na escola; 3) acesso a equipamentos eletrônicos (televisão, videogame, *tablet* e computador).

No período fora da escola, todas as crianças desse grupo se dedicam a atividades extras. A maneira como relataram e comentaram as atividades, até de forma divertida, deu a entender que realmente parecem se interessar por elas. A ligação direta entre seu interesse próprio e as atividades escolhidas parece possibilitar uma experiência mais leve, pois não há cobranças de resultados pelos pais, mas, sim, um certo cuidado em atender a uma vontade delas. Além disso, o tempo livre pareceu ter presença mais significativa em suas vidas do que tais atividades. Elas têm



contato constante com outras crianças no condomínio em que moram e brincam na maior parte do tempo.

Todas as quatro crianças têm pais que trabalham fora de casa o dia inteiro e ficam sob os cuidados de uma babá. Porém, esta é orientada a respeitar a criança, sem ficar ditando todos os passos que ela deve seguir.

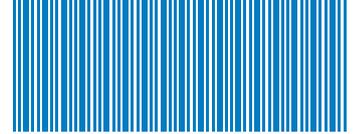
Em relação a equipamentos eletrônicos, é importante dizer que essas crianças seguem regras claras e demonstram ter conhecimento disso, pois sabem verbalizar e também entendem os argumentos dos pais. O controle está pensado de maneira a priorizar o brincar. Ter esses limites bem demarcados e justificados parece ser benéfico e mais eficaz do que restrições punitivas.

Podemos entender que, mesmo a criança fazendo atividades extracurriculares, se não houver excessos e estas forem coerentes com os seus interesses pessoais, há a possibilidade de que ela tenha uma experiência rica de aprendizado e de trocas com amigos. Porém, é importante que isso não tome mais tempo do que o brincar livre. Os adultos podem (e devem!) estar presentes na vida das crianças, mas sem limitar a liberdade e a expressão criativa da criança. E, também, crianças e aparelhos eletrônicos podem conviver pacificamente, desde que elas sejam orientadas quanto a conteúdo e tempo de uso e, principalmente, não deixem de brincar livremente.

7. Considerações finais

Houve mudanças consideráveis nas oportunidades hoje oferecidas às crianças: a tecnologia avança e está mais acessível; pai e mãe trabalham fora de casa, o que aumenta o poder aquisitivo das famílias e seus hábitos de consumo, mas, por outro lado, diminui o tempo de convivência das crianças com seus pais.

Outro aspecto é a violência crescente nas ruas, que leva as crianças a ficarem mais tempo em casa ou frequentando instituições especializadas. O tempo prolongado em casa possibilita maior uso de equipamentos eletrônicos, gerando passividade física e diminuição de convívio social real. A oferta cada vez maior de cursos extras também leva a outro tipo de convívio entre as crianças, pois são sempre orientadas por adultos e realizam menos trocas espontâneas, deixando de vivenciar relações verdadeiramente cooperativas.



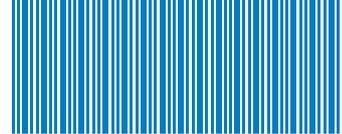
Como vimos, as crianças estão sendo pressionadas, já desde muito pequenas, a terem atividades que estimulem aspectos físicos, intelectuais e emocionais. Isso é visto como bom para seu futuro, mas, no momento presente, implica maior competitividade entre elas, a dificuldade em lidar com o fracasso e a permanente dependência de um adulto.

Procura-se uma maneira de lidar com o tempo e as agendas são preenchidas com muitas atividades, sobrando poucos momentos de ócio. Parece difícil a ideia de lidar com o tempo livre. Os pais não querem deixar faltar nada em termos de oportunidades e bens. Também as escolas cedem à pressão do mercado para antecipar conteúdos. Os cursos extraescolares tentam desenvolver habilidades diversas nas crianças. E as mídias entenderam como acessar diretamente as crianças, apresentando a elas o que há de mais novo no mercado. Tudo isso está possibilitando a vivência de tédio entre as crianças.

Por outro lado, quando as crianças vivenciam atividades ligadas aos seus interesses, isto é, aquelas atividades que elas querem fazer porque gostam, envolvem-se com mais motivação. É fundamental para as crianças terem a presença de um adulto como apoio e suporte, para se desenvolverem com segurança, mas não como uma pessoa que diz a todo instante o que elas devem fazer ou, ainda pior, que faz tudo por elas.

Além disso, é importante que se relacionem com outras crianças, a fim de vivenciarem relações horizontais, em que se colocam no lugar do outro, aprendem a respeitá-lo como igual e consideram também o seu ponto de vista. Isso porque, como vimos, a relação adulto/criança pressupõe um respeito unilateral.

As crianças devem conviver com outras crianças em espaços além da escola. Devem ter experiências diferentes. Devem ser estimuladas e desafiadas. E devem contar com adultos que as orientem. Mas precisam ter uma infância tranquila garantida. Precisam crescer em paz, num ambiente de respeito e de consideração pelo outro e por si mesmas, de coragem para enfrentar desafios e, principalmente, de paciência para lidar intensamente com a vida.



REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ELKIND, David. *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LA TAILLE, Yves de. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. *Contribuição da psicologia para o fim da publicidade dirigida à criança*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2008b.

LINN, Susan. *Crianças do consumo: a infância roubada*. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

PIAGET, Jean. (1932). *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SCHOR, Juliet B. *Nascidos para comprar: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo*. São Paulo: Editora Gente, 2009.

SVENDSEN, Lars. *Filosofia do tédio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Recebido em: 24/02/2014

Revisto em: 22/04/2014

Aprovado em: 22/4/2014

